

Realização







Financiado por



ORFEL



Edição #06
Grito Rock 2012

editorial

impresso

comum

cultura da politica

coletivo

fanzine

DIGITAL

Antropologia da alma

LEITURA

GESTO

Rizoma

viivencia

blog

acesso

txt

PALAVRA

ESCRITA

2.0

RedesEmRede

LIVRO

e-book

arqueologia do presente

FEL

processo

colaborativa

POLITICA DA CULTURA

TATO

LATINO AMERICA

online

poesia

video-poema

Grito

sem dono

OrFEL no Grito Rock
fevereiro e março/2012

Esta edição foi contruída colaborativamente por pessoas de diversas regiões.

Textos: Anna Porto (Santa Catarina), Aiuri Einaudi Ribeiro (São Paulo), Junior Veiga, Rodrigo Gullar e Tokinho Carvalho (Minas Gerais), Fabiano Bonecini (Rio de Janeiro), Carolina de Abreu (Amazonas), Lara Marx (Bahia), Marcelo Pereira (Braga/Portugal), Ricardo Radich (Los Angeles/EUA), Fernanda Quevedo (Mato Grosso) e Maria Luiza Rovaris (Santa Catarina)

Quadrinhos: Aiuri Ribeiro (São Paulo) e Rafael Correa (Rio Grande do Sul)

Ilustração: Felipe Godoy (Paraná) e Isadora Machado (Santa Catarina)

Diagramação: Isadora Machado (Santa Catarina)

A Poesia

A poesia é a loucura da palavra
são frações de angústia programadas pelo seu cérebro
e transformadas numa sonoridade intensa e flutuante

é o mecanismo violento e viciante do pensamento
é o corpo refém da voz, dos dedos e da imaginação

São os olhos reféns do mundo impregnado do novo
da vida, dos passos, dos homens, do encanto marginal do cotidiano
das cores periféricas dos dias úteis

A poesia é a imagem lenta onde tudo é veloz
é a perfeição dos detalhes do tempo
é a adrenalina morta do peito
A explosão dos desejos, dos medos e dos sonhos

A liberdade em sua essência máxima
é a felicidade traduzida em letras mal arrumadas
é o gosto seco da verdade
o ponto de equilíbrio da mente
é a purificação da frase.

Rodolfo Gullar
rodolfogullar@gmail.com

Som

Cantarolavam as pernas bambas
num compasso desafinado.
Não sei como me mantive em pé
nem quando, nem onde...
Nem por que me desafiavam
(as pernas, o compasso)

No alto falante - estourado
do peito
a acústica do teu olhar
me fez tremer por dentro.
Meu corpo quente escorria
aos prantos

Confesso que os nervos
queimaram meu estômago
Até sair pela boca.

Lola
Florianópolis/SC

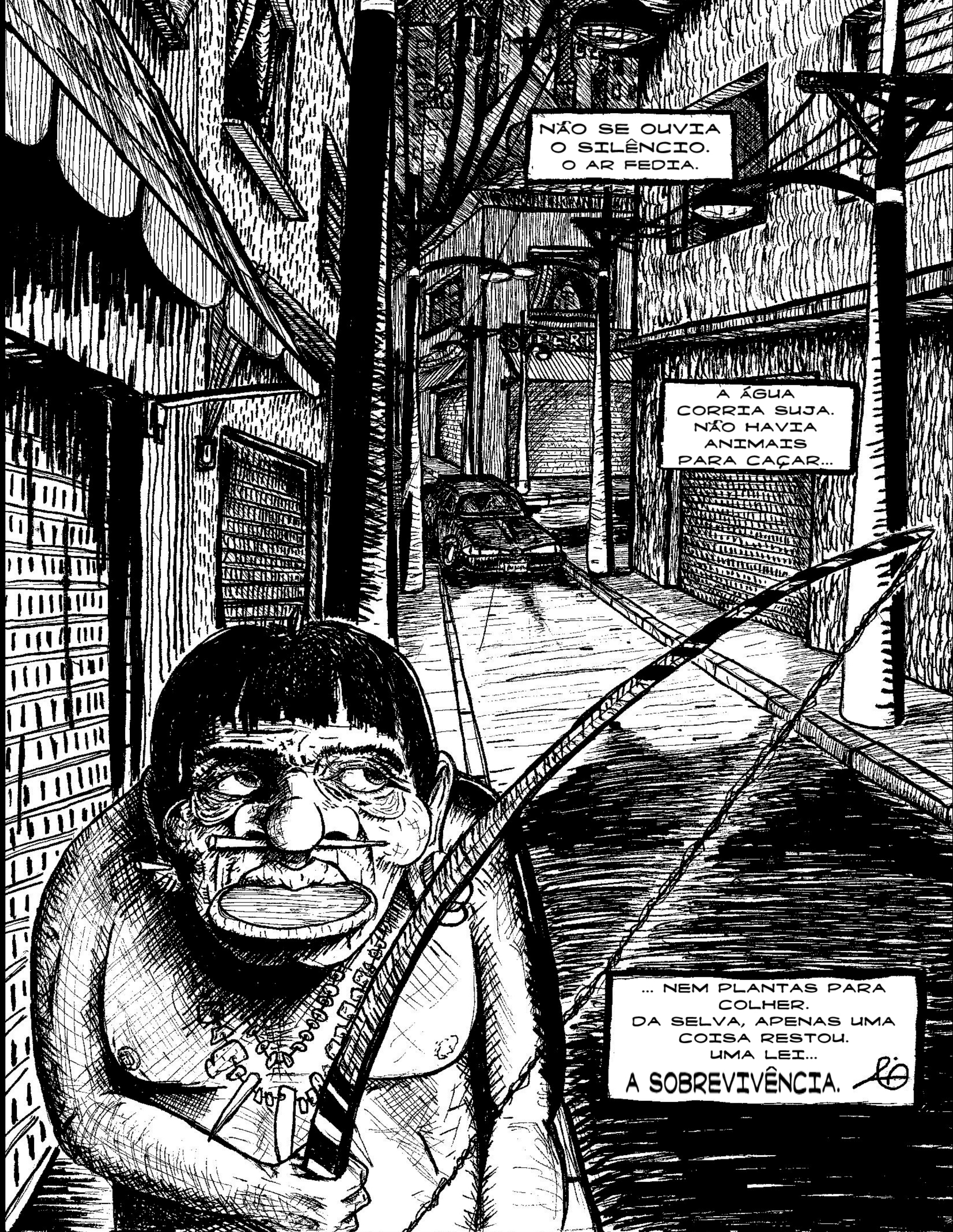
Metaforría

Vem cá que eu vou te ensinar,
que não existem só canoas feitas de paus.
E as pedras que estavam no caminho,
se transformaram em degraus!
Que o que é tido como belo,
também pode ser vulgar.
E o que ora aparece,
nem sempre é o que se quer mostrar.

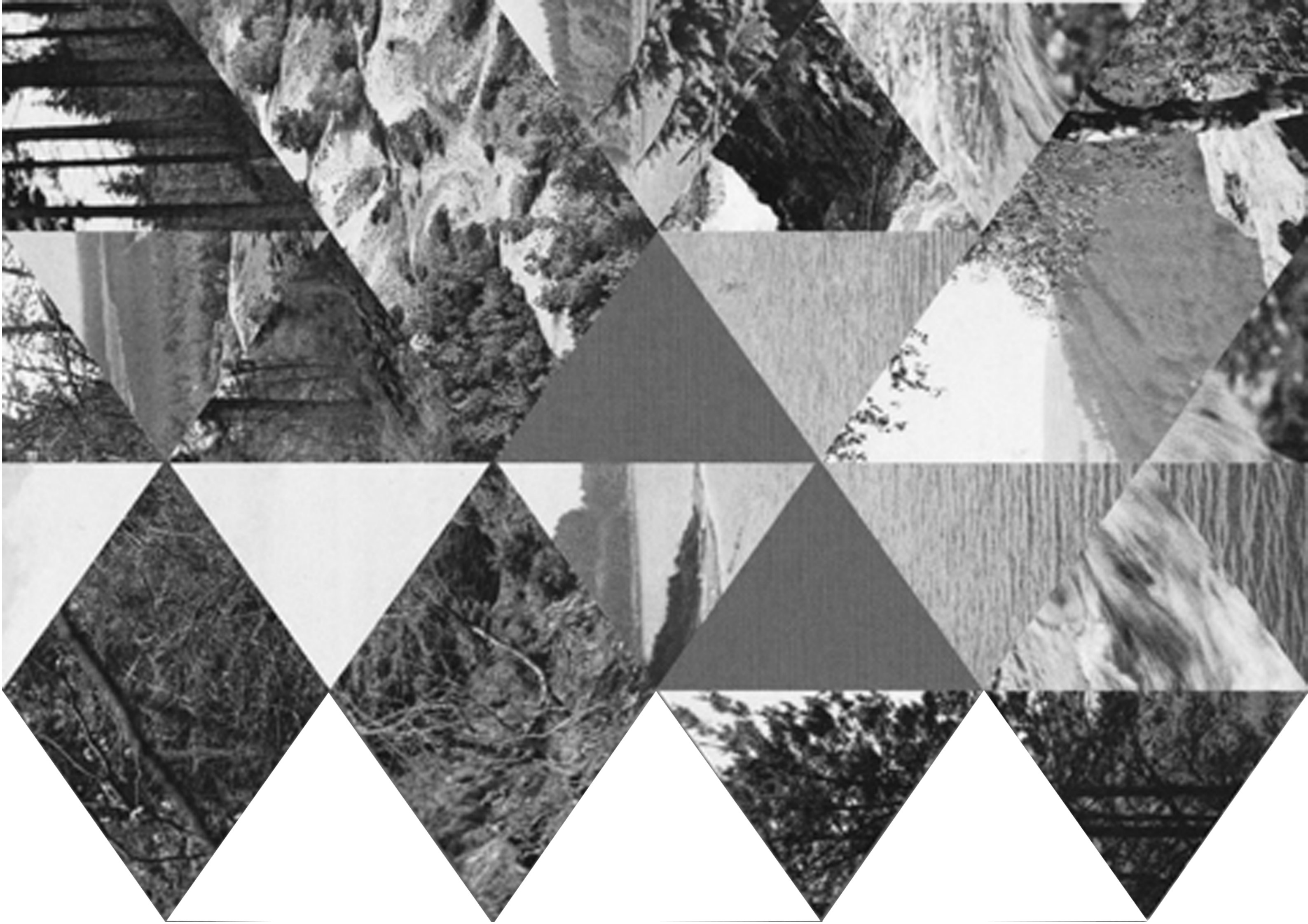
Que ventania pode ser mudança,
e que a poeira trazida é tanta, tanta...
que a muitos olhos pode cegar,
Mas mas o mesmo vento que cega,
a outros faz seus barcos navegar.

Ricardo Radich
Los Angeles/EUA





Um minuto de silêncio
Aiuri Einaudi Ribeiro - Campinas/SP
aiuri.ribeiro@gmail.com



.prende dor

me pus a observar o secar das roupas no varal
e vi que o sol funciona mesmo,
evapora água que é uma beleza!
aí passei a analisar a utilidade do prendedor...
aí pensei, pensei...
e me surgiu uma pergunta:

será que o prendedor prende dor?

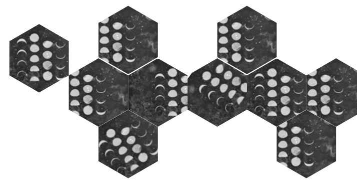
Tokinho Carvalho
tokinhomusica@hotmail.com

Camelo e os Novos Marcelos

Faço do meu canto a neura existencial.
O conteúdo do cotidiano, o dia-a-dia da vida.
A eletrônica está substituindo o coração.
A inspiração passou a depender do transístor,
o poeta de aço, de poesia programada...
é demais pra meus sentimentos, tá sabendo?
(Baiano e os Novos Caetanos - 1974)

Tô sabendo,
Sabendo que os que ligam pro choro do velho palhaço do circo
não são os mesmos que chutam o manco cachorro da esquina.
Sabendo que os que gostam da poesia feita pela fotossíntese
não gostam da poesia requentada em 30 segundos no micro-ondas.
E a música que não precisa de cabeça, ombro, joelho e pé,
afunda cada vez mais no conceito de démodé.
Isso também quebra as minhas pernas, tá ligado?

Marcelo Dante Pereira
Braga/Portuga



DIVERGIR

Talvez o cheiro pesado dos teus olhos ambiente alguma quimera. Talvez esta luz que traceja teu silêncio, tenha tanto medo de fluir rio abaixo, que se perde feito o sino quando ressoa banalidades ao vento. Ninguém o escuta, senão seu próprio delineio. Talvez esta sombra que faz das horas um pequeno milagre que se esconde, resolva se mostrar e escancarar em minhas mãos teu vulto. Esses fantasmas em que se transformam todo o nosso franzir desesperado e terno, esse semblante que arrisca desiludir o tempo e mostrá-lo o quanto não és possível corromper o juízo quando se desencontra. Talvez o mesmo tempo, conversador de marasmo, não se transforme, mas resigne-se à ação da perplexidade, da injusta luta e causa de retirar-se de si próprio. Do ato de banir faz-se aquela eterna covardia, cuja ternura marcha tímida no ser, e não sai tão rápido quanto se espera, cuja ternura golpeia desde a mentalidade à arte física de elevar-se à redenção do sentir demasiado.

Carolina de Abreu
Manaus/AM
deabreu.carol@hotmail.com

Interrogação

Tenho assistido cada vez menos TV
e não sei para parecer mais inteligente
ou apenas pelo prazer de uma nova descoberta
alias que muita gente bem antes de mim já havia descoberto
tenho lido muito mais que o de costume
estou cada vez mas apegado a vícios inofensivos
mas que parecem cada vez mais prazerosos
como dormir sempre de um mesmo lado
ou de ou de ter pontualidade para comer e dormir
estranho como isso pode se tornar prazeroso mas enfim...
tenho pensado até em começar a tomar café
aquele cheio me desperta uma certa ternura magnífica
sinto uma satisfação estranha em assistir tele jornais
coisa que via meus pais fazendo e achava repugnante
cada dia mais reencontro velhos amigos
e percebo de como estão ficando
cada vez mais velhos
Interesso-me insaciavelmente por coisas misteriosas
sobre cleros dinastias pinturas antigas e música clássica
particularmente com coisas com mais de cem anos
tenho conversado muito como objetos inanimados
e animais de estimação também tem sido
ótimos companheiros de prosa são tardes inesquecíveis
apesar de isso me assustar um pouco
mas não o suficiente para deixar esta atividade de lado
Já não gosto de acordar tão cedo tanto quanto antes
tenho preferido o frio ao calor
chuva então é de se esconder e causar coceiras
tenho pensado até em procurar um oculista
acho que ficaria bem de óculos
ainda mais agora que comecei a ler
tudo tem ficado cada vez mais pratico
tenho rimado cada vez menos meus poemas
isso os torna mais "underground"
mas tenho ficado feliz com o que escrevo
ao menos me parece muito mais coerente
do que o que escrevia uns dez anos atrás
tenho soltado palavras e gestos formais inconscientemente

Júnior Veiga – Coletivo Corrente Cultural
Poços de Caldas/MG
lpoetica.blogsplot.com.br







Causo de Mulher

Ela chegou à delegacia. O único movimento que fazia era com as mãos, sobre o colo, enrolando-as umas nas outras. Via-se unhas vermelhas lascadas de lavar louça. Leva a primeira bofetada.
- Por que a senhora fez isso?
- Num sei não sinhô.
- A senhora sabe que pode passar o resto da vida na cadeia?
- Num sei não sinhô.
A segunda bofetada. O nariz sangra. Ela nem reage.
- Diz alguma coisa, cacete, que eu já tava dormindo e acordei por causa da barbaridade que essa vagabunda fez.
- Num sô vagabunda não sinhô.
Terceira bofetada. Região dos olhos. Primeira vez que ela mexe uma das mãos em um movimento diferente: cobre metade do rosto por causa do sangue.
- O que o pai dos seus filhos vai pensar sobre o que tu fez?
- Num sei não sinhô. Sumiu no mundo.
- E os seus outros filhos?
- Num sei não sinhô. Dormiam.
- Você vai perder o emprego, sabia?
- Num sei não sinhô.
Quarta bofetada. Ela cai da cadeira. Se recompõe sozinha.
- Meu deus do céu, como uma mãe consegue fazer isso com o próprio filho? Ele tá morto, sabia? Tu matou teu filho, sua puta!
- Num sei não sinhô. Ele não queria si aquietá.
E eu só queria um pouco de silêncio.

Maria Luiza Rovaris
Florianópolis /SC

Cantarolavam as pernas bambas
num compasso desafinado.
Não sei como me mantive em pé
nem quando, nem onde...
Nem por que me desafiavam
(as pernas, o compasso)

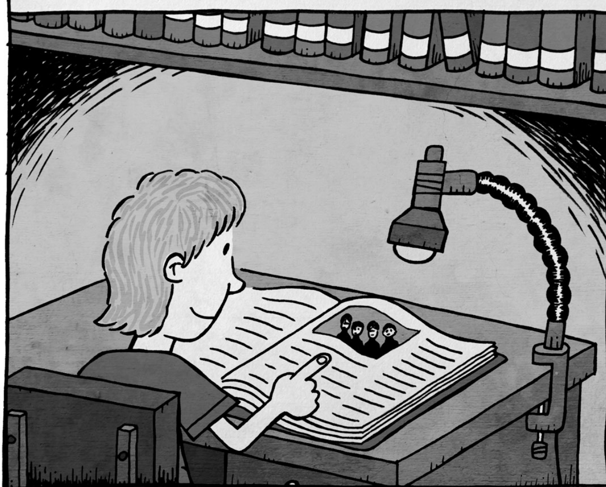
No alto falante - estourado
do peito
a acústica do teu olhar
me fez tremer por dentro.
Meu corpo quente escorria
aos prantos

Confesso que os nervos
queimaram meu estômago
Até sair pela boca.

Fernanda Quevedo
Cuiabá /MT













Rafael Correa
Porto Alegre/RS
rafaelcartum.blogspot.com

O Espelho são os outros

Ela saiu do banho quente e não viu a si mesma no espelho. O vapor quente se condensava no vidro frio.

[...]

Perfumes, cosméticos, sabonetes e tudo o mais se empilhava na pia. Via toda a cenária menos a si mesma.
Sentiu um temor: limpar o espelho e descobrir-se outra. Estendeu as mãos, vendo-a, e pegou a toalha. Enrolou-se olhando do alto todo o corpo e saiu, sem olhar para trás.
Seguiu todo o dia sem olhar-se, sem nem sequer num reflexo de carro parado na rua ou numa vitrine de loja bem polida.

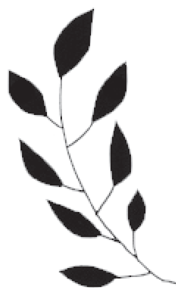
Os mais céticos dizem estar no rosto a personalidade e não "dentro", em algum lugar. Fingiu-se outra, adotando completo estranhamento.

[...]

Sozinha, no centro de dois espelhos posicionados face à face, viu infinitas de si. Mas não era nenhuma. Era justamente a que estava parada entre ponta e outra do infinito. Era, no fim das contas, invisível a si mesma. Descobriu-se sozinha.

Apesar de não ver a si mesma, via os demais e, assim, também ocorria com eles. Isolados e unidos pelo mesmo fato, viam-se e confirmavam uns aos outros sua própria existência.

Fabricio Bonecini
Rio de Janeiro/RJ
f.bonecini@gmail.com




esquadrias

sotaques falam por si um tom que emana
maior:
gritam a origem acentuada ao acaso.
se multiplicam esquadros
a cada verso que falo.

fôssemos milimetrados por vozes,
não terras,
o côro seria sorriso,
não mais haveria ocaso.

Lara Marx
Vitórioa da Conquista/BA